

Pesquisas pós-qualitativas e estudos das infâncias

Investigación post-cualitativa y estudios de las infancias**Post-qualitative research and childhood studies**[Jader Janer Moreira Lopes](#)  [Sara Rodrigues Vieira de Paula](#) 

| Destaques

Refletimos como a pesquisa pós-qualitativa entende as infâncias relacionadas a outras espécies e à matéria.

A pesquisa pós-qualitativa questiona a hierarquia e a centralidade da espécie humana sobre outras espécies.

A formação de professores deve contemplar a responsabilidade da ação dos educadores no antropoceno.

| Resumo

Neste artigo, apresentamos uma discussão sobre as contribuições da pesquisa pós-qualitativa para as investigações com as infâncias. Essa tradição de pesquisa busca compreender o ser humano em seus espaços de vida, principalmente em relação às mudanças causadas pela crise ecológica, pela relação com a tecnologia e outras marcas do Antropoceno. A partir disso, pretendemos refletir como a pesquisa pós-qualitativa entende as infâncias como parte do um todo vivente e como as metodologias de investigação são parte da transformação do mundo, convidando-nos a realizar um tipo de pesquisa que considere a importância das relações entre todas as formas de existência no planeta Terra.

[Resumen](#) | [Abstract](#)

| Palavras-chave

Metodologia de pesquisa. Pesquisa pós-qualitativa. Infâncias.

Recebido: 29.08.2023

Aceito: 10.11.2023

Publicado: 31.12.2023

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc29202350615>

| Pesquisa pós-qualitativa

Para iniciar nossas reflexões, é preciso recuar um pouco no tempo e nos deslocar para outro espaço. Localizamo-nos em um espaço escolar:

Um investigador de trinta e poucos anos de idade encontrava-se no pátio de um recreio de uma escola primária a observar a chegada para o primeiro dia de aula de um autocarro cheio de crianças afro-americanas a frequentar essa escola. O investigador estava a desenvolver um estado exploratório sobre o processo de integração. O estudo o obrigava a visitar a escola regularmente, com o objetivo de observar a experiência de alunos e professores. Adicionalmente, entrevistou professores, o director, as crianças e os pais, tendo igualmente assistido a reuniões. Esse tipo de trabalho prolongou-se ao longo de todo um ano, resultando num registro escrito [...] (Bogdan & Biklen, 1994, p. 15)

É com essa introdução que Bogdan e Biklen (1994) abrem a sua significativa obra publicada originalmente em língua inglesa e, até o presente momento, ainda sem publicação no Brasil. Em língua portuguesa, o mesmo livro saiu com o seguinte título *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Em nosso país, outra obra teve importante impacto nos fins dos anos 80 do século XX, quando Lüdke e André (1986) publicam *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*, como um dos primeiros documentos que se dedicaram a sistematizar esse movimento de fazer pesquisa.

O fato é que o termo se espalhou em vários campos de estudos e também da educação e acabou, como muito bem aponta Geraldi (2011), ao trazer a reflexão sobre Letramento, gaseificando-se, pois, “tanto do ponto de vista da definição do conceito – sua gaseificação – quanto do ponto de vista das consequências políticas que o letramento produz [...]” (Geraldi, 2011, p. 30), aportar-se só no conceito não significa uma mudança nas práticas.

Porém, mesmo com todas as generalizações e possíveis esvaziamentos criados por essa apropriação, é inegável a virada epistemológica que esse movimento trouxe, inclusive no campo de estudos das infâncias, os quais se desdobraram em concepções que buscavam uma caracterização mais dialogada e considerando os princípios traçados por esses autores. Passados anos desde a publicação da obra de Bogdan e Biklen (1994) e de outros autores, como o clássico *Handbook of Qualitative Research* (Denzin & Lincoln, 2000), também sem tradução no país, outros movimentos se sistematizaram e, com eles, o que viria a ser conhecido por uma perspectiva pós-qualitativa. É esse o tema que desejamos abordar e suas possíveis contribuições para os estudos das infâncias. Trata-se de aproximações iniciais que buscam contribuir com uma reflexão contemporânea e em construção. Este artigo, portanto, tem por objetivo traçar liames iniciais entre os debates que envolvem a pesquisa pós-qualitativa, suas interfaces com a condição pós-humana e o conceito de pós-infância, recentemente elaborado por Aitken (2019).

A investigação pós-qualitativa (Le Grange, 2019) nos ajuda a pensar como nossas pesquisas podem dialogar de forma mais significativa com o tempo presente neste

nosso espaço de vida: o planeta Terra – que vem passando – como sempre passou – por mudanças. No entanto, em relação às mudanças inerentes à vida neste planeta, a pesquisa pós-qualitativa está relacionada a dois tipos principais. Um deles diz respeito a estarmos enfrentando uma crise ecológica causada pelas escolhas e pelas ações de parte da espécie humana que está “[...] dizimando plantas e animais, poluindo oceanos e rios, produzindo mudanças atmosféricas, criando desigualdades crescentes, e assim por diante”¹ (Le Grange, 2019, p. 3). Esse primeiro tipo de mudança marca uma nova era geológica chamada Antropoceno (Le Grange, 2019).

O segundo tipo de mudança está associado ao nosso relacionamento com a tecnologia: estamos de tal modo amalgamados que a fronteira entre nós e os artefatos se torna a cada dia mais confusa (Le Grange, 2019).

Os dois tipos de mudança criam uma condição chamada pós-humano. O pós-humano, como registra Aitken (2019), é a concepção de um ser mais que humano, um ser que rompe com o sentido tradicional de humanidade construído e consolidado ao longo dos séculos passados, centrado no ser humano como um ser autossuficiente, que tem sua vida encerrada em si mesmo, descolado do mundo em que vive. A ideia de um sujeito mais-que-humano diz respeito a um ser humano que se estende para além de si, envolvendo as outras espécies, as condições materiais e simbólicas do viver, o ambiente, os ciclos geológicos da vida na Terra, os ciclos naturais, ou seja, o reconhecimento da unidade sociedade-natureza-eu. Trata-se de uma necessária virada epistêmica e ontológica, pois:

Essa condição está relacionada ao fato de que os humanos chegaram a um ponto em que, como espécie, não apenas são capazes de manipular e controlar toda a vida, mas também têm a capacidade de destruí-la. A arrogância ou a autoestima humana atingiu seu apogeu. (Le Grange, 2019, p. 4)

A pesquisa pós-qualitativa, ainda que se proponha a considerar a vida como um todo, não tem a pretensão de ser uma “metodologia totalizante” (Le Grange, 2019, p. 6). O considerar a vida como um todo diz respeito a uma “subjetividade [que se] torna ecológica” (Le Grange, 2019, p. 7). Assim, o sujeito da pesquisa pós-qualitativa é um sujeito ecológico, porque faz parte do fluxo da vida: não existiriam, portanto, formas de separar um sujeito – seja humano ou mais que humano – do todo, porque somos parte constituinte desse todo e por ele somos constituídos. Estamos sempre imbricados: nós não vivemos no mundo, nós somos o mundo. Vivenciamos esse meio que está fora de nós, mas do qual somos parte (Vygotsky, 2012): vivemos em condição de unidade com o todo (Lopes, 2021).

Nessa perspectiva, compreender o mundo a partir de um paradigma pós -humano:

[...] democratiza profundamente o campo de jogo em muitas direções – nada é considerado como estando fora, acima ou assumindo uma verdadeira posição transcendental privilegiada. Entende o corpo humano como um organismo ilimitado que existe em uma rede emaranhada de forças humanas e não

1 As citações diretas retiradas de textos de língua inglesa foram traduzidas pelos autores.

humanas. [...] abre um tipo muito diferente de ser e saber. (Murriss, 2016, p. 193)

Nesse sentido, a pesquisa pós-qualitativa propõe uma nova forma de lidar com dados, qual seja: “os dados não são algo lá fora que reunimos ou coletamos e não estão isolados de nós mesmos” (Le Grange, 2019, p. 8). Além disso, a pesquisa pós-qualitativa pressupõe que nossos métodos de pesquisa fazem parte da transformação do mundo: nossas pesquisas, em sua própria existência e materialização, agem no mundo. Dessa forma:

[...] o que podemos apreender de seus desdobramentos, é que ela nos convida a pensar, a sentir e a agir de forma diferente e que um futuro diferente se encontra em uma vida de experimentação em intra-ação com o real e que o potencial transformador da pesquisa pós-qualitativa a torna relevante para engajar os desafios do mundo contemporâneo. (Le Grange, 2019, p. 9)

Assim, nessa “[...] conjuntura geo-histórica que vem sendo chamada de Antropoceno” (Haraway, 2023, p. 68), a pesquisa pós-qualitativa intenciona compreender a complexidade do contexto em que vivemos e nos convida a realizar um tipo investigação que considere a importância das relações entre todas as formas de existência no planeta Terra. E, do nosso lugar neste planeta, qual seja, um coletivo, Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI), que se dedica a pesquisar a vivência espacial e o encontro no espaço, a pesquisa pós-qualitativa nos permite pensar sobre a espacialização de outras formas de vida que não só a da espécie humana. Como escreve Donna Haraway (2021), a vida de cada espécie é da forma que é por causa de outras espécies que se coconstituem. Portanto, ainda que se defenda o respeito às diferenças entre as espécies, é importante compreender que vivemos em relação com outros seres, sendo a vida só possível desta forma: no encontro com seres de diferentes espécies no espaço.

Nesse sentido, buscamos a pesquisa pós-qualitativa por desejarmos pensar as existências em conexão, descobrindo formas de investigar as vidas espacializadas em companhia, no encontro no espaço, no “[...] nosso completo emaranhamento com o mundo mais que humano” (Bridle, 2023, p. 25).

Toda a vida e o ser dos humanos estão inextricavelmente enredados e permeados por todas as outras coisas. Essa ampla comunidade inclui cada habitante da biosfera: os animais, as plantas, os fungos, as bactérias e os vírus. Ela inclui os rios, os mares, os ventos, as pedras e as nuvens que nos nutrem, estremecem e encobrem. Essas forças animadas, essas companheiras na grande aventura do tempo e do devir, têm muito a nos ensinar e já nos ensinaram muita coisa. Somos o que somos por causa delas e não podemos viver sem elas. (Bridle, 2023, p. 33)

Afinal, é no encontro entre seres humanos no espaço e no tempo que novas formas de vida são criadas, e o mundo, transformado.

O olhar para a vivência humana significa se dedicar a mirar a produção desse novo, para as formas singulares que unem seu plano pessoal com o social, como vai tecendo sua vida e os processos que dela fazem parte, aos quais estão sociedade e a natureza. (Lopes, 2021, p. 101)

A vida só é possível com os outros: “[...] constituídos em intra- e interação. Os parceiros não precedem o encontro; espécies de todos os tipos, vivas ou não, resultam de uma dança de encontros que molda sujeitos e objetos” (Haraway, 2022, p. 11). Não existe vida sem o encontro, e não existe o encontro sem espaço:

[...] conceituar, produtivamente, o espaço em termos de relações, mas também as relações só poderiam ser inteiramente reconhecidas pensando-se de modo inteiramente espacial. Para elas poderem ser vistas como relações, tem de haver, necessariamente, espacialização. (Massey, 2013, p. 68)

Portanto, nos encontros com os outros no espaço, enraizamo-nos no mundo e nos tornamos quem somos. O mundo cria raízes em nós, mas nós também criamos no mundo. Esse enraizar-se simultâneo nos transforma em quem somos, ao mesmo tempo em que transformamos o mundo no que ele é. Isso porque, “[...] ao nutrir-se do mundo social para se singularizar como pessoa, ao mesmo tempo se forja esse mundo social. Estamos falando aqui da condição indissociável presente no humano: espacializar na vida é sempre uma condição de estar em você e nos outros” (Lopes, 2021, p. 110).

A educação pós-humana – e podemos ampliar isso para a pesquisa pós-qualitativa – parte do pressuposto “[...] de que não há coisas inertes, estáticas ou passivas no espaço, coisas que são apenas o pano de fundo para o que as coisas ‘vivas’ estão fazendo. Humanos e mais que humanos estão sempre emaranhados” (Murriss et al., 2022, p. 155).

Precisamos nos questionar, enquanto professores e pesquisadores: como contribuimos para a existência dos binarismos e das fragmentações? Como podemos contribuir para a desconstrução dessa lógica binária, das oposições criadas pela limitada percepção humana? (Murriss et al., 2022).

Para que isso seja possível, precisamos renunciar às metodologias centradas na espécie humana e buscar outras formas de se fazer pesquisa que façam mais sentido aos tempos e espaços presentes (Hohti & Tammi, 2019, p. 10).

| Pós-infância e educação pós-humana

Para a possibilidade de existência de uma pesquisa pós-qualitativa com crianças, precisamos compreendê-las a partir de uma perspectiva pós-humana. As transformações que ocorreram em meados dos anos 80, do então século XX, em diversos países, incluindo o Brasil, e alavancados pelos estudos da Sociologia da Infância e outras áreas, sistematizando o que temos convencionado com o Campo de Estudos da Infância, buscaram romper, segundo Aitken (2019), com uma concepção de infância que estava marcada pela sua condição de incompletude e cuja vida estava na redenção da chegada a dita “maturidade adulta”. O próprio Aitken (2019) irá considerar que essa virada levou a um outro tipo de essencialismo, em que as crianças se tornaram o centro do existir, replicando a mesma condição do humanismo clássico do Antropoceno. Para ele e outros, como Murriss (2016), outra virada faz-se necessária: irmos para além dessa centralidade infantil, mas para uma criança pós-humana:

A criança pós-humana não é apenas discursiva, mas também material [...] incluindo o corpo que a criança não apenas tem, mas também é. [...] A criança pós-humana é relacional. Não há existência anterior de indivíduos com propriedades, competências, voz, agência e assim por diante. Os indivíduos se materializam e passam a existir por meio de relacionamentos, assim como o significado. Há igualdade ontológica, bem como epistemológica, entre as espécies e entre os diferentes membros de cada espécie. (Murriss, 2016, p. 193)

A partir disso, podemos falar em pós-infância, ir além da infância que se materializou em muitos de nossos discursos e pesquisas acadêmicas, nas legislações e em diversos campos sociais: “a pós-infância é nossa condição histórica e geográfica, que é incorporada materialmente e requer o fim da pureza disciplinar. A pós-infância tem várias camadas, é nomádica, relacional a agentes humanos e não humanos e mediada pela tecnologia” (Aitken, 2019, p. 273).

Junto com a noção de pós-infância, é preciso também pensar a agência do mundo mais que humano, contemplando não somente as outras espécies que não a humana, mas também o mundo material. A implicação disso é a problematização da fragmentação entre “[...] teoria/prática, criança/adulto, animal/humano e a natureza/cultura” (Murriss, 2016, p. 193).

A rejeição da centralidade do humano diz respeito à rejeição não só da centralidade do adulto humano, mas também da criança humana: “[...] descentralizar a criança e reincorporá-la em uma multiplicidade de relações” (Aitken, 2019, p. 108). Portanto, questiona-se também a educação centrada na criança. Mas o pós-humano não significa anti-humano. O que se pretende é, como já dito, questionar a centralidade da espécie humana e sua hierarquia em relação a outros ocupantes do espaço, sejam outros animais, plantas e mesmo matéria (Murriss et al., 2022).

É difícil até mesmo entender a escala do desafio, considerando como fenômenos como política ou educação tão raramente são entendidos como algo mais do que questões exclusivamente humanas, ou pensando sobre o legado centrado no ser humano tido como certo que define todos os conceitos e noções relacionados a metodologias de pesquisa. Um exemplo desse antropocentrismo é que, quando falamos de infância, costumamos nos referir à infância meramente humana. Além disso, ao se envolver com relações de cuidado por meio de atividades predominantemente verbais de contar histórias e escrever artigos, permanece em aberto como outras espécies além dos humanos realmente estão envolvidas. Uma tentativa de responder a essa questão é insistir em uma ontologia relacional em que os indivíduos são entendidos como devires, ou melhor, devires-com [...] (Hohti & Tammi, 2019, p. 17)

O trabalho de Murriss et al. (2022) nos ajuda a pensar sobre a pesquisa pós-qualitativa. Durante as atividades pedagógicas de um programa de formação continuada de professores de crianças de 5 a 9 anos na África do Sul, Murriss et al. (2022) refletem sobre possibilidades pedagógicas que questionam uma educação pensada a partir da centralidade da espécie humana. O programa de formação está baseado numa educação pós-humana, que tem o desejo de incluir as relações entre tudo que compõe o planeta, pois a existência humana está profundamente conectada com todo o resto, sendo, assim, necessário aprender o

valor dessas relações (Murrís et al., 2022). O programa de formação de professores é guiado pela intenção de que as provocações possam reconfigurar “[...] modos de ser, agir, pensar e de se relacionar [...]” (Murrís et al., 2022, p. 161).

Durante o curso, os alunos se mostram resistentes a esses questionamentos sobre a vida centrada no ser humano e na nossa noção de progresso e desenvolvimento. Por isso, as professoras têm a preocupação de oferecer vivências pedagógicas experimentais e práticas, para que os estudantes, de forma coletiva, possam, em seu próprio ritmo, refletir sobre uma educação pós-humana que reconheça sua conexão com o todo e se responsabilize pelo mundo mais do que humano. Isso porque, supostamente, a “[...] razão, a racionalidade e a auto-reflexividade [...]” (Murrís et al., 2022, p. 150), nos diferenciariam do mundo mais que humano.

As autoras querem problematizar as certezas antropocêntricas na formação de professores: “Estas são questões filosóficas importantes para os professores de formação inicial considerarem, pois informam como as crianças são consideradas (desenvolvidas de menos para mais humanas)” (Murrís et al., 2022, p. 150). Assim, desde o início do curso, os alunos trabalham a partir da perspectiva de uma educação pós-humana, com propostas de atividades planejadas a partir de uma “[...] provocação deliberada para interromper as crenças firmemente arraigadas dos alunos sobre o excepcionalismo humano e o domínio sobre os animais” (Murrís et al., 2022, p. 150).

O currículo do curso não é decidido previamente: ele emerge nas vivências. As professoras possuem uma intencionalidade pedagógica, qual seja, ministrar um curso de formação continuada para professores com base numa pedagogia pós-humana, em que a centralidade do humano e as fronteiras entre os outros seres é questionada. No entanto, é junto com os alunos que os rumos das aulas são decididos. Duas perguntas guiam o currículo: “que relações humanas e não humanas existem? Qual é a rede de relações das quais já fazemos sempre parte?” (Murrís et al., 2022, p. 151).

Uma das atividades do curso é a visita a um zoológico abandonado. No espaço,

[...] os alunos desenvolvem [...] suas ideias emergentes sobre como ensinar ciências (e o tópico “animais” em particular) enquanto caminham pelas jaulas, sentando-se lado a lado em tijolos em decomposição à sombra de árvores antigas. Seu pensamento é provocado e afetado por conversas que tocam em ideias sobre estar “vivo” ou “morto”, sobre “proximidade” e “exótico”, sobre “estrangeiro” ou “selvagem” [...]. Dimensões filosóficas, científicas, geográficas e históricas surgem como importantes quando se pensa com o conceito “animal”. (Murrís et al., 2022, p. 151)

Ainda durante a atividade, os alunos são convidados a desenhar com carvão numa folha branca o que está no local, ao mesmo tempo que desenham o que não está. Ou seja, o que pode ser observado e o que não pode ser observado, mas pode ser sentido. A atividade tem a intenção de questionar a ideia de que as coisas precisam ser uma coisa só, de que a vida é fragmentada, que conseguimos identificar os limites entre as existências.

Na atividade do zoológico, o coletivo de alunos e professores reflete junto sobre as vivências presentes e passadas dos seres que já habitaram aquele lugar, permitindo questionar o binarismo das existências, do que está vivo, do que está morto, do que está presente ou ausente e considerando as múltiplas temporalidades dos seres daquele espaço. Ainda que não estejam mais ali, a presença dos animais ecoa pelo espaço (Murriss et al., 2022).

Um outro lugar que visitaram ao longo do curso foi uma praia. Durante essa atividade, uma das professoras pergunta aos alunos:

“A areia está viva?” As primeiras respostas são rápidas e cheias de certeza, como se fosse algo muito óbvio. Você pode chamar algo de provocação quando não provoca? E, então, outros movimentos podem ser traçados: [O som das ondas quebrando na areia, na praia e rolando de volta fazem parte desse diálogo, tornando as vozes humanas muito difíceis de ouvir e o diálogo indistinguível em lugares. Mas o som das ondas é constante e faz parte do diálogo. (Murriss et al., 2022, p. 157)

As respostas “[...] rápidas e cheias de certeza [...]” (Murriss et al., 2022, p. 157) foram de que a areia estava morta, muito morta. Com a intenção de possibilitar que os alunos pensem de “[...] de forma diferente sobre as coisas, objetos e se a matéria está viva ou morta [...]” (Murriss et al., 2022, p. 162), a professora continua a provocação: se colocarmos um microscópio, o que veríamos? Um estudante responde: microrganismos vivos. Outros argumentam que sim, os microrganismos estão vivos, mas que eles não são a areia em si. A professora continua: o que define se algo é vivo ou morto? Muitas respostas: é vivo algo que cresce, que se reproduz, que respira, que se alimenta, que tem sentidos, que precisa de água. E as discussões continuam, porque a ideia do exercício não é decidir se a areia está viva ou morta, mas deslocar a lógica binária de classificação do mundo: “[...] para algo estar morto, teria que ter vivido, mas há coisas no mundo que não cabem nessa construção” (Murriss et al., 2022, p. 160).

Além disso, o curso pretende trabalhar a noção de que a percepção humana tem limites: “[...] é impossível dizer que isso ou aquilo está vivo ou morto simplesmente pela percepção humana” (Murriss et al., 2022, p. 153). Nesse sentido, é relevante questionar a educação antropocêntrica, que cria categorias e fragmenta o mundo a partir do ponto de vista de uma única espécie, não considerando “[...] as questões infinitamente pequenas e inescaláveis [...]” (Murriss et al., 2022, p. 153).

Um outro trabalho que nos inspira a pensar as possibilidades da pesquisa pós-qualitativa é a investigação realizada por Hohti e Tammi (2019; 2020) que tem como foco o cuidado diário das crianças humanas para com os animais mais que humanos residentes numa estufa dentro de uma escola finlandesa. Em sua pesquisa, Hohti e Tammi (2019; 2020) se propõem a desenvolver o conceito de infância multiespécie, pensando sobre as questões envolvidas no complexo compartilhamento da existência interespecífica. Esse conceito “envolve a definição da infância humana por meio de conexões e interdependências entre as espécies, e não pela distinção entre humanos e outros animais” (Hohti & Tammi, 2020, p. 15).

Na estufa, os estudantes são responsáveis pelo cuidado de:

[...] tartarugas, coelhos, papagaio, pomba, calopsitas, iguana verde, dragão d'água, cobra do milho, ratos, porquinhos-da-índia, gerbilos, galo e galinha. Há também bichos menores, como bichos-pau, formigas, caracóis, bichos-da-farinha e moscas. As plantas incluem árvores frutíferas tropicais, jacarandás, hibiscos e muito mais. (Hohti & Tammi, 2019, p. 2)

A pergunta que guia a pesquisa é “como as crianças formam e mantêm relações com outros animais que não humanos?” (Hohti & Tammi, 2019, p. 2).

A ética de pesquisa qualitativa mais convencional é baseada na integridade e segurança dos indivíduos humanos e reflete o desejo de controlar qualquer imprevisibilidade que possa ocorrer durante a pesquisa. Esse desejo se torna complicado em um ambiente de pesquisa multiespécie. Como, por exemplo, você poderia pedir o consentimento informado dos participantes não-humanos do estudo? [...]. Quando um cenário de pesquisa é entendido como multiespécie, as ideias de indivíduos começam a ser substituídas pelas de multiplicidade. (Hohti & Tammi, 2020, p. 17)

Assim, é preciso romper com o “[...] legado do excepcionalismo humano na educação e na ciência – a atitude de que o resto da natureza existe para os humanos usarem como um recurso, para aprender, para explorar, destruir ou conservar à sua vontade” (Hohti & MacLure, 2021, p. 7).

Os animais humanos e os mais que humanos estão em relação, o encontro entre os seres de diferentes espécies permite que as existências sejam possíveis. Estamos entrelaçados e afetamos uns aos outros (Hohti & Tammi, 2019). O mundo é mais que humano.

O ponto de vista da natureza da infância enfatiza que as crianças e as infâncias poderiam ser mais bem examinadas em sua não fixidez, onde o devir não é a imaturidade da infância em relação à idade adulta, mas um devir-com mais amplo. Dessa forma, a pesquisa não binária de crianças e infâncias é necessariamente uma pesquisa sobre agenciamentos ou emaranhados heterogêneos que não são apenas humanos. (Hohti & Tammi, 2019, p. 5)

As pesquisas pós-qualitativas pressupõem a existência de outros seres, mas não devem considerá-los como recursos ou meios através dos quais a pesquisa irá acontecer:

A grande maioria dos estudos feitos em crianças e animais não interrompeu esse binarismo ou as hierarquias que são produzidas com ele, e as configurações de pesquisa permaneceram principalmente instrumentais – foi o papel de outros animais como facilitadores ou catalisadores para o desenvolvimento ou habilidades das crianças que tem sido visto como interessante. (Tammi et al., 2020, p. 1)

A pesquisa pós-qualitativa pode pressupor que precisemos conviver com “[...] corpos que não são apenas humanos e tentamos sintonizar histórias que não estão apenas dentro das capacidades de nossos sentidos e significados humanos” (Hohti & Tammi, 2019, p. 9). Fazer pesquisa pós-qualitativa com crianças, portanto, pressupõe ouvir, estar no campo de pesquisa como aprendizes e ouvir. “O que seria contar novas histórias a partir dessa escuta?” (Hohti & Tammi, 2019, p. 9).

| Pesquisar com o mundo mais que humano

Os desafios de realizar pesquisas pós-qualitativas são imensos e complexos, mas a nossa “responsabilidade” (Haraway, 2023, p. 51) é “ficar com o problema” (Haraway, 2023, p. 58). É preciso deslocar o entendimento de que o que nos define como espécie é o que nos diferencia dos outros. Pensar de outra forma, entendendo-nos a partir do que nos conecta com os outros seres mais que humanos (Hohti & Tammi, 2019). Não mais pensar que somos uma exceção, não ter como ponto de partida o suposto excepcionalismo humano, mas, sim, pesquisar a partir de uma perspectiva mais ampla, mais que humana.

Ao abandonarmos a concepção binária e hierárquica em relação às crianças e ao mundo mais que humano, talvez sejamos capazes de contar outras histórias sobre a vida compartilhada com as outras espécies (Hohti & Tammi, 2019). O mundo mais que humano também pode ser protagonista de nossas novas histórias.

Seria possível conceber a paisagem como protagonista de uma aventura na qual os humanos são apenas um tipo de participante, entre muitos outros? No decorrer das últimas décadas, pesquisadores de diferentes áreas têm demonstrado que admitir apenas os seres humanos como protagonistas em nossas histórias não é só um preconceito humano ordinário; é uma agenda cultural atrelada ao sonho do progresso pela modernização. Existem outros modos de fazer mundos. [...] esquecemos que a sobrevivência colaborativa exige coordenação entre as espécies. Para expandir o possível, precisamos de outros tipos de histórias – inclusive de aventuras protagonizadas por paisagens. (Tsing, 2022, pp. 229-230)

Para pensar as infâncias a partir do pesquisa pós-qualitativa, precisamos descentrar a agência humana e compreender que estamos – enquanto espécie humana – em profunda relação com todas as outras espécies e com a matéria. Estamos emaranhados, materialmente emaranhados, com o mundo mais que humano. Assim, a pesquisa com as infâncias se beneficiaria ao ser orientada por uma vinculação mais que humana. Nossa convivência com as crianças deve pressupor a integralidade dos seres e das coisas, abandonando a visão fragmentária e hierárquica que muitas vezes orientam as pesquisas (Hohti & MacLure, 2021).

Portanto, é importante se perguntar se estamos realmente ouvindo as crianças, mas também o mundo mais que humano como um todo: “por meio do descentramento do humano, surge a possibilidade de sujeitos não humanos ‘animarem’ nossas narrativas” (Hohti & MacLure, 2021, p. 4).

Se, como pesquisadores, reproduzimos práticas que têm a espécie humana como centro de importância e excepcionalidade, não estaríamos, de certa forma, contribuindo para esses tempos de urgências que vivemos com o planeta Terra? Ao mudarmos nossas formas de fazer pesquisa em direção a um fazer que parta da compreensão da relacionalidade profunda por meio da qual vivemos com os outros seres e com a matéria, podemos contribuir para a continuidade das existências. Ao definirmos nossa espécie não pelo o que a diferencia e separa das

outras, mas pelo que a aproxima e conecta, podemos criar novas formas de conviver com as crianças em nossas pesquisas (Hohti & MacLure, 2021).

Não se trata, no entanto, de pensar no e para o futuro. A continuidade aqui diz respeito ao presente. Aitken (2019) nos diz sobre uma ética sustentável, que não é sobre a “[...] preservação ‘do que é’ para um futuro incerto, e sim a mudança e transformação de formas boas e produtivas, agora e apenas para este momento (perpétuo)” (Aitken, 2019, p. 263).

A ética sustentável, como entendido por Aitken (2019, p. 273), “[...] articula a ideia de viver a vida plenamente. [...] e é por meio do pensamento pós-infância que podemos chegar até ela”, pois “a perspectiva pós-infância traz um conceito radicalmente expandido de relacionalidade que não se baseia na noção de seres humanos monádicos e individualizados, nem se limita aos humanos” (Aitken, 2019, p. 97).

É fundamental que um novo tipo de atenção seja desenvolvido para que possamos considerar o mundo mais que humano em nossas pesquisas, entendendo que a nossa percepção é limitada e falha e que estaremos constantemente em contato com outras formas de vida cujo entendimento não nos é (e talvez nunca seja) completamente acessível. Ainda que a nossa defesa seja de que o mundo mais que humano precisa ser considerado nas pesquisas com crianças, é preciso ter em mente que os outros mais que humanos não devem ser considerados como um mundo paralelo e estático e que aguarda ser descoberto e desvendado.

A existência das outras espécies é válida por elas mesmas e não somente quando legitimadas como dados de pesquisa. Em síntese, o movimento é deslocar a centralidade da espécie humana e entender que nosso papel no mundo não é (não deveria ser) o de protagonista. O valor que a pesquisa com crianças atribui à nossa espécie deve ser questionado a partir do entendimento de que a vida é profundamente compartilhada, que nossa espécie só existe porque outras também existem (Hohti & MacLure, 2021, p. 9).

O desejo é que, a partir do encontro, nossas pesquisas sejam parte do movimento de continuidade coletiva, que possamos juntos recriar mundos, conhecimentos e relações, que nossas pesquisas sejam responsivas com o mundo mais que humano. “Quando corpos ou ideias encontram outros corpos ou ideias, há uma consequência, que pode ser uma combinação poderosa ou o apagamento de um ou mais desses corpos ou ideias” (Aitken, 2019, p. 31), que nossa opção como pesquisadores seja pela “combinação poderosa” (Aitken, 2019, p. 31), que nossas pesquisas escolham “[...] ficar com o problema em tempos e lugares reais e específicos” (Haraway, 2023, p. 15).

Pesquisadores que somos, a partir da nossa convivência com as crianças e com o mundo mais que humano, precisamos nos perguntar: quais são as nossas habilidades de responder às demandas do nosso tempo e do nosso espaço? Qual é a especificidade da nossa responsabilidade de responder às urgências do Antropoceno? Como podemos contar outras histórias e ser parte da continuidade?

| Referências

- Aitken, S. C. (2019). *Jovens, direitos e território: apagamento, política neoliberal e ética pós-infância*. Unb.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal.
- Bridle, J. (2023). *Maneiras de ser: Animais, plantas, máquinas: a busca por uma inteligência planetária*. Todavia.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). *Handbook of Qualitative Research*. SAGE Publications.
- Geraldi, J. W. (2011). Alfabetização e Letramento: perguntas de um alfabetizando que lê. Em E. Zaccur (Org.). *Alfabetização e Letramento. O que muda quando muda o nome?* (pp. 13-32). Rovelte.
- Haraway, D. J. (2021). *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Bazar do Tempo.
- Haraway, D. J. (2022) *Quando as espécies se encontram*. Ubu.
- Haraway, D. J. (2023) *Ficar com o problema: Fazer parentes no Chthuluceno*. N-1.
- Hohti, R., & MacLure, M. (2021). Insect-Thinking as Resistance to Education's Human Exceptionalism: Relationality and Cuts in More-Than-Human Childhoods. *Qualitative Inquiry*, 28(3–4), 322–332.
<https://doi.org/10.1177/10778004211059237>
- Hohti, R., & Tammi, T. (2019). The greenhouse effect: Multispecies childhood and non-innocent relations of care. *Childhood*, 26(2), 169–185.
<https://doi.org/10.1177/0907568219826263>
- Hohti, R., & Tammi, T. (2020). Touching is Worlding: From Caring Hands to World-Making Dances in Multispecies Childhoods. *Journal of Childhood Studies*, 45(2), 14-26. <https://doi.org/10.18357/jcs452202019736>
- Le Grange, L. (2019). Leading article: What is (post)qualitative research? *South African Journal of Higher Education*, 32(5). <https://hdl.handle.net/10520/EJC-117d32a51d>
- Lopes, J. J. M. (2021). *Terreno Baldio. Um livro sobre balbuciar e criar espaços para desacostumar Geografias: Por uma Teoria sobre a Espacialização da Vida*. Pedro & João.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. EPU
- Massey, D. B. (2013) *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Bertrand Brasil.
- Murris, K. (2016). The Posthuman Child: iii. Em D. Kennedy, & B. Bahler (Ed.). *Philosophy of childhood today: exploring the boundaries* (pp. 185-197). Lexington Books.
- Murris, K., Souza, L. de, Silva, H. da & Reynolds, R. (2022). Is the Sand Alive? Posthuman Experimentation with/in South African Early Years Teacher Education. Em A. Kuusisto (Ed.). *The Routledge International Handbook of the Place of Religion in Early Childhood Education and Care* (pp. 149-164). Routledge.
<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003017783-13/sand-alive-posthuman-experimentation-south-african-early-years-teacher-education-karin-murris-luzia-aparecida-de-souza-heloisa-da-silva-rose-anne-reynolds>
- Tammi, T., Hohti, R., & Rautio, P. (2020). Editorial: Child-Animal Relations and Care as Critique. *Journal of Childhood Studies*, 45(2).
<https://doi.org/10.18357/jcs452202019734>
- Tsing, A. L. (2022). *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. N-1.

Vygotsky, L. S. (2012). *Obras Escogidas – Tomo IV: Paidología del adolescente/Problemas de la psicología infantil*. Antonio Machado Libros.

| Sobre os autores

Jader Janer Moreira Lopes

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-3510-8647>

Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2003). Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI/CNPq. E-mail: jjanergeo@gmail.com

Sara Rodrigues Vieira de Paula

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-5090-4057>

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2018). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI/CNPq. E-mail: saravpaula@gmail.com

Contribuição na elaboração do texto: os autores contribuíram igualmente na elaboração do manuscrito.

| Resumen

En este artículo, desarrollamos una discusión sobre las contribuciones de la investigación post-cualitativa a los estudios centrados en las infancias. Esta tradición investigativa busca comprender al ser humano en sus espacios vitales, principalmente en relación con los cambios provocados por la crisis ecológica, la relación con la tecnología y otras características del Antropoceno. A partir de esto, pretendemos reflexionar sobre cómo la investigación post-cualitativa entiende las infancias como parte de un todo vivo y cómo las metodologías de investigación contribuyen a la transformación del mundo. Nos invita a llevar a cabo una investigación que considere la importancia de las relaciones entre todas las formas de existencia en el planeta Tierra.

Palabras clave: Metodología de investigación. Investigación post-cualitativa. Infancias.

| Abstract

In this article, we present a discussion about the contributions of post-qualitative research to research on babies and children. This investigative tradition seeks to understand the human being in their living spaces, especially in relation to the changes caused by the ecological crisis, the relationship with technology and other marks of the Anthropocene. Based on this, we intend to reflect on how post-qualitative research understands childhood as part of a living whole and how

research methodologies are part of the transformation of the world, inviting us to carry out a type of investigation that considers the importance of these relationships among all forms of existence on planet Earth.

Keywords: Research Methodology. Post-qualitative research. Childhood.

Linhas Críticas | Periódico científico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>



Referência completa (APA): Lopes, J. J. M., & Paula, S. R. V. de. (2023). Pesquisas pós-qualitativas e estudos das infâncias. *Linhas Críticas*, 29, e50615. <https://doi.org/10.26512/lc29202350615>

Referência completa (ABNT): LOPES, J. J. M.; PAULA, S. R. V. de. Pesquisas pós-qualitativas e estudos das infâncias. *Linhas Críticas*, 29, e50615, 2023. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc29202350615>



Link alternativo: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/50615>

Todas as informações e opiniões deste manuscrito são de responsabilidade exclusiva do(s) seu(s) autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista *Linhas Críticas*, de seus editores, ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista *Linhas Críticas*, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0):
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>